

Muito mais que um museu: Museu Nacional e memórias coletivas

Much more than a museum: Museu Nacional and collective memories

Lucia Santa Cruz*

Resumo: Este artigo propõe uma análise interpretativa de publicações, em redes sociais, de frequentadores do Museu Nacional, que utilizaram em suas postagens a hashtag #MuseuNacionalVive, após o incêndio que destruiu o prédio e grande parte do acervo deste equipamento cultural localizado no Rio de Janeiro, em setembro de 2018. Estas manifestações podem ser consideradas como processos de escavação e desvelamento da memória afetiva, uma vez que reportam experiências positivas do passado. Utilizando o conceito de memória coletiva de Halbwachs, a noção de dever de memória de Ricoeur e a perspectiva de McCracken, para quem o usuário atribui novos sentidos às exposições, exposições e objetos museais, o objetivo deste texto é discutir o museu como um espaço produtor de memórias, para além da sua função museológica, especialmente pelas lembranças individuais que ele evoca.

Palavras-chave: Museu Nacional; Memória Coletiva; Memória Afetiva.

Abstract: This article proposes an interpretative analysis of publications in social networks of visitors of the National Museum, who have used in their posts the hashtag #MuseuNacionalVive, after the fire that destroyed the building and much of the collection of this cultural equipment located in Rio de Janeiro, in September 2018. These manifestations can be considered as excavation and unveiling of affective memory processes, since they report positive experiences of the past. Using the collective memory concept of Halbwachs, the memory duty notion from Ricoeur and McCracken's perspective, for whom the user attributes new meanings to exhibitions, exhibitions and museum objects, the aim here is to discuss the museum as a space of memories production, in addition to its museological function, especially by the individual memories it evokes.

Key-words: Museu Nacional; Colective Memory; Affective Memory.

Introdução

O incêndio que consumiu o acervo do Museu Nacional, no Rio de Janeiro, em setembro de 2018, acendeu um movimento que vai além da recuperação das obras ali guardadas ou do edifício que as abrigava. Em meio aos lamentos da comunidade científica pela perda de anos de trabalho coletando materiais, espécimes e obras

* Professora Adjunta do Mestrado Profissional em Gestão da Economia Criativa da ESPM Rio (MPGEC/ESPM) e dos cursos de Graduação em Jornalismo, Cinema e Publicidade da ESPM Rio. Jornalista graduada pela UFRJ, Mestre e Doutora em Comunicação e Cultura (UFRJ). Coordenadora do Laboratório de Estudos de Memória Brasileira e Representação do MPGEC (LEMBRAR) e do Grupo de Pesquisa ESPM/CNPq Lembrar. Membro do *International Media and Nostalgia Network* (IMNN). Suas pesquisas lidam com temas como memória, mídia, história do jornalismo, patrimônio, cultura, consumo e economia criativa. E-mail: lucia.santacruz@espm.br

únicos, uma onda de memórias pessoais invadiu as redes sociais. Relatos como o da estudante Elisa Ranieri, no Facebook:

Eu lembro da primeira vez que fui no Museu Nacional. Eu devia ter uns 9 anos. Excursão da escola. Cheguei em casa encantada com tanta coisa legal e fiquei falando durante dias que eu tinha tocado em um meteorito. Nunca esqueci.

Ano passado, levei o Davi. Ele se divertiu muito. Olhava tudo, se encantava com tudo. Lembro como se fosse ontem dos olhinhos dele vendo toda a história do Brasil na frente dele. Não que ele entendesse muito, mas um dia ele vai e vai lembrar com carinho dessa visita. Que bom que ele pôde ir. (RANIERI, 2018)

Ou da jornalista Marina Saraiva, que frequentava o Museu desde grávida:

A dor que é da história, da ciência, do país e da humanidade, é também uma ferida profunda no nosso infinito particular.

A Quinta é quintal desde o barrigão e os primeiros banhos de sol... (...)

A sala escurinha dos sarcófagos era onde ele pedia pra mamar. E lá testemunhávamos visitantes se espantarem com múmias e - fazer o quê - com a voracidade mamífera no banquinho perto da janela. (SARAIVA, 2019).

Neste processo de desvelamento da memória afetiva, despontou o movimento ‘Museu Nacional Vive’, que gerou camisetas, adesivos, o uso da *hashtag* #museunacionalvive, e ações como a campanha de *crowdfunding* Museu Nacional Vive nas Escolas, para a continuidade dos projetos educativos do museu. (BENFEITORIA, s/d). Uma das ações mais emblemáticas é a réplica do Trono de Adandozan, do antigo reino africano de Daomé, produzida em papel machê por um aluno de 13 anos para um trabalho escolar, que conhecia a peça original, perdida para o fogo, das 11 visitas que fez com os pais (LISBOA, 2019).

Este artigo propõe uma análise interpretativa de publicações, em redes sociais, de frequentadores do Museu Nacional que utilizaram a *hashtag* #MuseuNacionalVive, logo após o incêndio de setembro de 2019, que destruiu o acervo do equipamento cultural, para trazer à tona lembranças e experiências pessoais. Toma-se como fundamentação teórica a perspectiva de Halbwachs (2016, p. 51), para quem “cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva... mas nossas lembranças permanecem coletivas, e elas nos são lembradas pelos outros, mesmo que se trate de acontecimentos nos quais só nós estivemos envolvidos”, bem como a visão de McCracken (2003a, 2003b), para quem o usuário atribui novos sentidos às exposições, exposições e objetos museais, para além de sua materialidade primária. O

objetivo é discutir o museu como um espaço produtor de memórias, para além da sua função museológica, especialmente pelas lembranças individuais que ele evoca.

Procedimentos metodológicos

Para a realização deste artigo, empregou-se como procedimentos metodológicos o levantamento bibliográfico em torno do tema da memória, além da pesquisa documental que envolveu o levantamento de reportagens sobre o incêndio do Museu Nacional, bem como a observação das manifestações espontâneas de visitantes sobre o equipamento cultural.

Conforme Yin (2016), a análise de dados qualitativos geralmente ocorre em cinco fases – levantamento dos dados, codificação, recomposição, interpretação e conclusão.

Num primeiro momento, a intenção era identificar e analisar as manifestações da população de um modo geral, motivadas pelo incêndio que destruiu o Museu Nacional, que tivessem em comum o uso, no Facebook e no Twitter, da *hashtag* *museunacionalvive* e que narrassem lembranças pessoais envolvendo aquele equipamento cultural.

Ainda na noite do incêndio, a *hashtag* começou a ser utilizada nas redes sociais para compartilhar fotos de arquivo pessoal feitas pela população dentro do local. Rapidamente foi incorporada pela instituição e seus pesquisadores. Uma busca no Google apontou, em 23 de abril de 2019, aproximadamente 11.700 resultados para a *hashtag* #museunacionalvive.

Como o interesse, para este artigo, eram os usos desta *hashtag* nas redes sociais, a busca foi iniciada no Facebook, e apontou uma dificuldade. Pelos algoritmos da plataforma, os resultados de posts com a *hashtag* *museunacionalvive* se concentravam nas publicações do próprio perfil do Museu. Para se ter uma diversidade maior, optou-se por procurar também pela expressão #museunacional. O Facebook não informa a quantidade de menções à *hashtag*, mas isso não foi considerado um problema, visto que o objeto deste artigo são aquelas postagens que fizeram registros *pessoais* sobre o museu, seja pelo texto, por fotos ou vídeos, marcando-os com #museunacionalvive.

Também o Twitter não informa quantas postagens existem com a *hashtag*, mas o levantamento sinalizou uma referência cruzada com outra rede social, o Instagram. Essa, sim, indicou a existência de 4.166 publicações com a *hashtag*

#museunacionalvive, no dia 12 de abril de 2019. *App* que mais cresceu em 2018 (DELOITTE, 2018), o Instagram foi incluído no corpus deste artigo, justamente pela sua representatividade.

A proposta original, portanto, foi ampliada, tanto para contemplar postagens de mais uma rede social, quanto para incluir manifestações com outras *hashtags* alusivas ao Museu Nacional.

Este artigo não tem uma pretensão de mensuração do volume de manifestações, mas sim analisar o conteúdo de postagens que se valiam do acionamento das memórias pessoais para lamentar o acidente com o museu. Justamente por não ter uma preocupação quantitativa, não se considerou aqui um percentual determinado de mensagens para a formação do corpus. Ao todo, foram identificadas 17 postagens no Facebook com menções pessoais ao Museu Nacional; 117 no Twitter e 62 no Instagram. Todas foram analisadas, mas neste artigo se utilizam as mensagens que explicitamente denotam tanto a importância do museu na história de vida dos internautas quanto a recriação do museu pelas suas memórias.

Para analisar o corpus reunido, se optou pela análise interpretativa (YIN, 2016), que pressupõe a descrição, mas também a explicação dos dados levantados. Desta forma, as postagens foram identificadas e descritas, e em seguida se buscou **explicar** o seu conteúdo. “Interpretar pode ser considerada a arte de dar seu próprio significado a seus dados recompostos e arranjos de dados. Esta fase articula toda a análise”. (YIN, 2016, p. 233). Desta forma, todas as postagens foram lidas, descritas e interpretadas à luz do referencial teórico.

O Museu Nacional

O Museu Nacional foi criado por um decreto do príncipe regente D. João VI, no dia 6 de junho de 1818. Inspirado nos museus europeus de história natural, com coleções científicas, bibliotecas, arquivos, laboratórios e exposições, chamava-se inicialmente Museu Real e funcionava no Campo de Sant’Anna, no Centro do Rio de Janeiro (PIRES, 2017).

Sua transferência para o Paço de São Cristóvão, na Quinta da Boa Vista, ocorreu em 1892, já na República. O prédio havia sido construído em estilo barroco no início do século XIX pelo traficante de escravos Elias Antônio Lopes e doado a D João VI quando este chegou ao Rio com sua família. A família real mudou-se definitivamente para lá quando o príncipe regente se tornou rei de Portugal, com a

morte de sua mãe Dona Maria I. Com a independência do Brasil, assinada no prédio, o Paço passou a se chamar Palácio Imperial, e recebeu alterações arquitetônicas que o transformaram em neoclássico. Na mesma época, o Museu passou a se chamar Museu Imperial.

Com a proclamação da República, o Paço de São Cristóvão abrigou a Primeira Assembleia Constituinte da República, recém-proclamada, em 1889, e, por solicitação de D. Pedro II, já fora do país, passou a abrigar o museu, rebatizado de Museu Nacional.

O Palácio foi tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico (Iphan) em 1938 e oito anos mais tarde a Universidade do Brasil, que em 1965 tornou-se a Universidade Federal do Rio de Janeiro, incorporou o Museu.

Considerado o maior museu de antropologia e história natural da América Latina, o Museu Nacional contava com um acervo de 20 milhões de itens, como fósseis, múmias, peças indígenas e livros raros, além de abrigar cursos de pós-graduação strito sensu de nível internacional.

No ano do incêndio, o Museu Nacional comemorava 200 anos, em meio a dificuldades financeiras e estruturais. No próprio site do museu, o texto sobre o bicentenário apontava as carências. “O Palácio de São Cristóvão, sede do Museu, o Horto Botânico, e os diversos prédios anexos, carecem de intervenções arquitetônicas e urbanísticas que permitam à instituição a plena capacidade de atendimento a sua vocação.” (MUSEU NACIONAL, s/d). Uma reportagem da Folha de São Paulo, de 31/5/2018, relatava que a instituição precisou recorrer à “vaquinha virtual para reabrir sala de dinossauro e espera verba pública para restauro” (CANÔNICO, 2018). Sem recursos para manutenção, um sinistro nas proporções que aconteceu em setembro desponta como a crônica da morte anunciada.

O laudo da perícia da Polícia Federal apontou que o incêndio foi causado pela sobrecarga em um dos aparelhos de ar-condicionado do auditório, no primeiro andar. Segundo os peritos, três aparelhos de ar condicionado do auditório estavam ligados a um só disjuntor (NITAHARA, 2019).

Memória e museu

A virada do século XX para o século XXI acentua um movimento que já era percebido desde a crise da modernidade, como aponta Huysen (2000, 2004, 2009,

2014): a valorização da memória. Pierre Nora (1993) acredita que recordar se torna necessário frente à aceleração do tempo, característica da sociedade ocidental com o fim da modernidade. Jöel Candau (1998) concorda que a prática memorialista opera como compensação pela aceleração do tempo, mas postula ainda que a memória funciona como uma espécie de lugar de nutrição da identidade, por meio do qual as identidades coletivas são fundadas. Huyssen, mais crítico, acredita ver uma nostalgia da modernidade "que não se atreve a dizer seu nome, depois de reconhecer as catástrofes do século XX e os danos remanescentes da colonização interna e externa" (HUYSSSEN, 2014 p. 98). Assim, o retorno ao passado pela valorização da memória estaria apoiado num desencantamento com o fim das utopias, a ruína da crença no futuro, da noção de progresso e de evolução das sociedades.

Maurice Halbwachs (1990) nos recorda que memórias não podem ser consideradas reconstituições fiéis do passado, mas devem ser sempre percebidas como reconstruções: construções sociais, continuamente atualizadas e reconfiguradas.

A memória marca a presença ativa do passado, na medida em que atua sobre o presente. Enquanto a história aspira a construir um saber universal e totalizador, a memória se refere ao vínculo entre as comunidades e o passado que julgam transcendente, na medida em que este coopera para a construção de seu ser coletivo

Nesta direção, a distinção entre história e memória se estabelece a partir da sobrevivência da recordação ou da sua ausência, em vinculação com o grupo social que mantém tais lembranças, segundo Halbwachs (1990). Para ele, o alcance da memória numa sociedade encontra seu limite na possibilidade de lembrança dos sujeitos que integram os grupos, articulando desta forma recordações coletivas. Basta que apenas um segmento do grupo sustente esta vinculação com o passado para que prevaleça a possibilidade da memória.

Ricoeur (2007), inscrito na tradição fenomenológica, em um primeiro momento parte do que se lembra (objeto) para em seguida pensar a questão quem lembra (sujeito). Na sequência, se alinha com Halbwachs, na medida em que reconhece que "é no ato pessoal da recordação que foi inicialmente procurada e encontrada a marca do social. Ora, esse ato de recordação é cada vez mais nosso. Acreditá-lo, atestá-lo não pode ser denunciado como uma ilusão radical" (2007, p. 133). Termina por considerar a memória coletiva de particular interesse para a história, admitindo "uma tríplice atribuição da memória: a si, aos próximos, aos outros" (p. 142).

Todavia, Ricoeur (2007) na sua análise das práticas da memória, chama a atenção para seus usos e abusos – desde a tradição das técnicas de memorização (*ars memoriae*) até seus impedimentos, a manipulação e a obrigação. Ao tratar da obrigação de lembrar, ele denomina “dever de memória” aos atos de lembrança que são ao mesmo tempo um chamamento ao não-esquecimento, em geral vinculados a eventos coletivos traumáticos, como o Holocausto.

Fabian (2001, p.82) destaca a existência de regimes de memória – arquitetura da memória internamente estruturada e limitada – que permite o exercício da recordação. O antropólogo trata o ato da memória como cultura em ação ou prática cultural, considerando o trabalho da memória como uma noção dialética expressa em atos de comunicação (no sentido não de transferência de informação, mas de experiência compartilhada). Ele discorda que não lembrar represente a ausência factual de alguma coisa, ou a sua negação (FABIAN, 2007), o que o coloca num pólo oposto ao conceito de dever de memória, já que considera que a formação da memória implica um trabalho interno e intenso de relembrar e de esquecer.

Ao propor uma perspectiva sobre a teorização da linguagem na antropologia que inclui o tempo e a memória, Fabian (2007) nos adverte que isso implica sempre o esquecimento, que considera como um ato social de comissão ao invés de omissão, que deve ser incluído nos relatos sobre a lembrança. A esse respeito, ele adverte contra a domesticação e a homogeneização da memória - o que ele chama de "pacificação da memória" - subjungando o conceito de memória em um tratamento de identidade, integração e normatividade. Em vez disso, ele destaca a importância de reter as reivindicações e tendências contraditórias dentro das atividades e processos de memória, bem como a amnésia, os anacronismos e as contraculturas do esquecimento como atividades e forças constitutivas na produção da memória.

Estes movimentos de disputa simbólica estão, sem dúvida, na conformação dos aparatos museológicos. Museus podem ser considerados lugares de memória, como bem assinalou Nora (1993): locais onde a sociedade “deposita” objetos a quem é atribuída uma aura de memoráveis, e que representam uma luta pelo não esquecimento. Esta visão se manifesta na conceituação que o International Council on Museums (ICOM) adota¹:

Um museu é uma instituição permanente, sem fins lucrativos, a serviço da sociedade e do seu desenvolvimento, aberta ao público, que adquire, conserva, estuda, expõe e transmite o patrimônio

¹ Esta definição está em processo de revisão e ainda não foi concluída até o fechamento deste artigo.

material e imaterial da humanidade e do seu meio, com fins de estudo, educação e deleite (DESVALLÉES; MAIRESSE, 2013 p. 65).

Ao mesmo tempo, podemos argumentar que, se pensarmos com Fabian, estes lugares de memória também são lugares do esquecimento, do que se escolhe considerar e cristalizar como identidade da lembrança e do que não é selecionado como tal: como o patrimônio da humanidade.

A noção de patrimônio designava, no direito romano, o conjunto de bens reunidos pela sucessão: bens que descendem, segundo as leis, dos pais e mães aos seus filhos ou bens de família, assim definidos em oposição aos bens adquiridos (DESVALLÉS; MAIRESSE, 2013).

Destas concepções, teriam surgido duas formas metafóricas – “patrimônio genético”, para designar as características hereditárias de um ser vivo; e “patrimônio cultural”, que teria aparecido no século XVII, por meio do filósofo Leibniz e foi retomada pela Revolução Francesa (DESVALLÉS; MAIRESSE, 2013, p.73).

A partir da Revolução Francesa e durante todo o século XIX, o termo “patrimônio” passou a designar essencialmente o conjunto de bens imóveis, confundindo-se geralmente com a noção de monumentos históricos. O monumento, em seu sentido original, é uma construção condenada a perpetuar a lembrança de alguém ou de alguma coisa. Aloÿs Riegl distingue três categorias de monumentos: aqueles que foram concebidos deliberadamente para “comemorar um momento preciso ou um acontecimento complexo do passado” [monumentos intencionais], “aqueles cuja escolha é determinada por nossas preferências subjetivas” [monumentos históricos], e, enfim, “todas as criações do homem, independentemente de sua significação ou de sua destinação originais” [monumentos antigos] (RIEGL, 1903 *apud*; DESVALLÉS; MAIRESSE, 2013, p.73).

No século XX, a noção de patrimônio ampliou-se, englobando, progressivamente, o conjunto de testemunhos materiais do homem e do seu meio, o que representou incluir o patrimônio folclórico, o patrimônio científico e, mais recentemente, o patrimônio industrial (DESVALLÉS; MAIRESSE, 2013). Ainda no final do século passado, assistimos à incorporação da noção de patrimônio imaterial, considerado como um bem público da humanidade. Este conceito parte de uma perspectiva que alia cultura a modos de ser, ver e fazer, distanciando-se de uma visão de cultura como erudição. Ao mesmo tempo, rompe com a hierarquização da cultura, que até meados da década de 1950 estava demarcada entre alta cultura, cultura de massa e cultura popular, numa correspondência entre classe e manifestação cultural

(WILLIAMS, 2011). Cabe aqui ressaltar ainda a vinculação entre esta classificação e a visão de Bourdieu (2011) do gosto não apenas como uma questão de estilo pessoal, mas também como um mecanismo de diferenciação, inclusão e exclusão social.

O modo, porém, como acontecem a exposição e a transmissão desse patrimônio sofre vibrações distintas, dependendo de que lugar se fala – se pela instituição ou pelo público que a frequenta. Não só os objetivos são distintos, como também os usos que frequentadores atribuem ao espaço. McCracken assinala, a respeito dos modelos de cultura que operam no museu.

Existe a cultura de museu “tradicional”, que mantém muito curadores, designers e administradores em uma servidão gravitacional. Eu irei chamá-la de modelo preferencial (*preferment*). E existe o modelo do consumidor, que é contrabandeado para o museu pelos seus visitantes, na forma de velhas e novas expectativas. Eu irei chamá-lo de modelo transformador (*transformational*). (MCCRACKEN, 2003a, p.2, tradução nossa)²

Este contrabando indica que os frequentadores não apenas usufruem da cultura de museu tradicional, mas também se ocupam em recriar este lugar de memória. No caso do Museu Nacional, como indica este artigo, esta recriação se dá pela evocação das memórias individuais que tornam o museu um espaço produtor de memórias, para além da sua função museológica, especialmente pelas lembranças individuais que ele evoca.

Da casa de conhecimento para o quintal da casa

Guedes (2018), em um artigo sobre as fotografias tiradas por visitantes no Museu Nacional, comenta que uma das exposições permanentes onde mais eram feitas fotos era a Conchas, Corais, Borboletas. “apesar de apresentar menor movimento, atraía o público por conta de dois pontos que são muito fotografados: a vitrine com um caranguejo gigante e a que apresenta um voo de borboletas (panápaná)”. Logo após o incêndio, as postagens com imagens do panápaná foram frequentes (Figura 1 e 2), associadas a diferentes emoções.

² No original: “There is the “traditional” museum culture, which holds many curators, designers, and administrators in its gravitational thrall. I will call this the preferment model. And there is a consumer model that is being smuggled into the museum by its visitors in the form of old and new expectations. I will call this the transformation model.” Embora o livro de McCracken esteja traduzido para o português, optou-se aqui por utilizar o artigo original, publicado no periódico *Curator: The Museum Journal*, em 2003.

de quando Marie Curie (Figura 3), Albert Einstein (Figura 4) ou Santos Dumont estiveram no Museu Nacional, e também posts indignados dando conta que o último presidente da República a visitar o espaço foi Juscelino Kubitschek (Figura 5), que governou o país de 31 de janeiro de 1956 a 31 de janeiro de 1961.



Figura 3 – Assinatura de Marie Cuire. Fonte: FOTOS DE FATOS, 2018.



Figura 4 – Einstein no Museu Nacional. Fonte: FORTES, 2018.



Figura 5 – Último presidente a visitar o Museu Nacional. Fonte: SANTANA, 2018.

No rastro deste reconhecimento do museu como casa de conhecimento, no Twitter, especialmente, encontramos muitas manifestações de pesar, afirmativas de perda da memória, do passado, da cultura. “Gente, tô bem triste! O museu era lindo! As múmias, dinossauros, as obras, aquele lugar respirava história! TUDO TUDO TUDO era a história do nosso país! Uma pena! Uma tragédia!” (PACÍFICO, 2018)

Outras lamentando não terem ido, num *mea culpa* velado de não terem valorizado a tempo o equipamento cultural. “#museunacional. Tudo pó... tô realmente muito triste, eu nem tive a oportunidade de conhecer e agora nunca vou ter, a nossa história tirada da gente por descaso” (BRUNA, 2018a). “200 anos de história destruídos, meteoritos, fósseis, esqueletos...tudo virando pó. 🙄🙄🙄” (BRUNA, 2018b)

A percepção de aniquilamento da história do país aparece em muitos relatos e posts, indicando uma concepção de museu como um dispositivo de guarda e proteção da trajetória histórica de um povo. “Destruir história é destruir as lembranças que só podem ser armazenadas na vida concreta. Destruir história é destruir vidas concretas que pulsam na alma. Desastre irreparável...” (RAFAEL, 2018)

Não se está aqui, obviamente, desprezando o valor histórico do acervo do Museu Nacional, mas sim questionamento esta correlação explícita com a materialidade histórica. Sem os objetos, perdemos nossa história? Ou de fato necessitamos, cada vez mais, de lugares físicos ou virtuais onde podemos depositar nosso passado e acessá-lo sempre que for necessário para nos certificarmos do presente e da nossa identidade?

Há muitas postagens se referindo ao descaso dos políticos com a cultura e acusações contra a UFRJ, instituição que abriga o Museu, que não teria sabido preservar o patrimônio. Há também analogias com o momento do país, com a crise econômica, com a polarização política. Brasil em chamas, símbolo do descaso com a cultura, com o passado, com a história, desprezo pela história são expressões recorrentes. Estas mensagens podem ser consideradas na perspectiva de Ricoeur, como atitudes de dever de memória – logo após o incêndio, as pessoas agiam como se sentissem que não poderiam deixar o assunto cair no esquecimento. Que era necessário falar sobre o museu, sobre a sua importância, mas também sobre a destruição de um acervo composto por mais de nove milhões de itens de arqueologia, etnologia, linguística, antropologia biológica, aracnologia, malacologia etc.

Se as primeiras manifestações apresentavam relatos indignados, com muitas postagens inflamadas e de cunho político, elas cedem lugar a textos evocativos das experiências pessoais dos internautas com o Museu. Para além da sua função científica, o Museu, para muitas pessoas, era o lugar do afeto, ressignificado como o espaço da brincadeira, da tarde de domingo, dos passeios em família.

“Tristíssimo com o que aconteceu no Museu Nacional. Esse lugar fez parte não só da minha mas da infância de muita gente.” (RAO, 2018) Há, ainda, evidências de que, como ressalta McCracken,

o visitante frequentemente não consegue ver o que o museu acredita ser óbvio, insiste no que o museu acredita ser irrelevante, junta aquilo que o museu acredita ser distinto, distingue aquilo que o museu julga ser indistinguível e reconfigura o campo de suposições de acordo com as quais o museu é constituído, deixando-nos chocados (MCCRACKEN, 2003, p. 135, tradução nossa).³

Como a postagem no Twitter, lembrando a aula de yoga na sala da baleia

³ No original: “the visitor often cannot see what the museum believes to be obvious, insists on what the museum believes to be irrelevant, conjoins what the museum believes to be distinct, distinguishes what the museum believes to be indistinguishable, and otherwise so reconfigures the field of assumptions according to which the museum is constituted that we can only be astonished”.



Figura 6 – Yoga na sala da baleia. Foto: HELENÃO, 2019.

Visitantes do Museu Nacional, portanto, evidenciam em suas postagens, que aplicavam outros usos para este equipamento cultural, sem que isso significasse um desprezo ou desconhecimento da sua importância como “casa de conhecimento”.

A Quinta é quintal desde o barrigão e os primeiros banhos de sol. O Museu Nacional recebeu Mateus pequetito no sling, caminhando cambaleante e ultimamente aproveitando cada chance pra escapar do meu campo de vista. Nunca pagou entrada, ciente do benefício: "quando eu fizer 5 anos, aí tem que pagar" (SARAIVA, 2018)

Neste momento em que assisto pela TV o incêndio do Museu Nacional, enquanto ouço a voz embargada e indignada de todos aqueles mais próximos ao patrimônio e ao prédio, só consigo chorar estas palavras. Todo carioca, rico ou pobre, viveu a experiência de visitar este museu. A primeira múmia que vi foi ali, não precisei viajar para o exterior para ver obras incríveis. E isso sempre foi oferecido a preços acessíveis. Cultura e conhecimento ao alcance de todos! Ao ver as chamas, percebo que parte de nossa infância foi imolada, uma extensão de nossa casa que foi incendiada, nosso orgulho carioca incinerado diante de nossos olhos. (GOUVEIA, 2018)

#LutoPelaMemoriaQueSeFoi

#MuseuNacional

Hoje infelizmente foi embora um pedaço de todos nós!! Que tristeza .. tem noção de quando ainda estava no primário visitava esse lugar e imaginava tantas coisas... E depois no ensino fundamental 2 e no ensino médio e agora como professora vendo os olhos dos alunos brilharem em ver a múmia, o dinossauro... E o meteoro (tia posso colocar a mão?) Putzz!! (ARRUDA, 2018)

Esse é o Museu da minha infância, foi onde eu levei meu filho pra ver os dinossauros, que ele dizia que era a casa dos dinossauros, e é onde eu podia estar na presença daquilo que estudo como historiador. Dói na alma. (ROSSI, 2018)

Há exatos cinco anos atrás, fui ao Museu Nacional pela última vez. Mas não posso deixar de lembrar da minha primeira vez naquele lugar. Eu tinha uns 12 anos e era uma menina apaixonada por história, principalmente pela história antiga egípcia e grega. Descobri

que lá era o único museu do Brasil que tinha uma múmia de verdade. Enlouqueci! Se as crianças são loucas para ir a parques, eu era mesmo louca para ir neste lugar e ver uma múmia de verdade. Como morava em Salvador-BA, tinha que esperar as férias. Aos 10 anos me levaram. Que emocionante! Estava toda a história lá, em fatos, em fotos, em objetos-relíquias inesquecíveis. Foi, sem dúvida, um dos melhores passeios da minha infância. (...) Há cinco anos atrás estive lá novamente. Quando postei essa foto no facebook, escrevi: “revisitando a minha infância”. (CINTIASCHWAB, 2018)

A associação do Museu Nacional com “o tempo bom” da infância sugere uma aproximação acima de tudo lúdica com este equipamento cultural. Museus de ciência, entre os quais se situam os de história natural, costumam ter um tipo de frequentador diferente daquele que visita os museus de arte (FRENKEL, 2012 apud GUEDES, 2018). Enquanto nesses últimos a frequência é majoritariamente de adultos, nos museus de ciência encontramos famílias. Em geral, os pais conheceram o museu na infância, seja levado pelos seus próprios pais ou em passeios escolares, e agora levam os filhos.

Só este aspecto já evidencia a camada de memória, recordação e nostalgia que envolve a sociabilidade em torno de um equipamento cultural com estas características. Quando um incêndio destrói este edifício, o que parece se lamentar é, em grande parte, o esfacelamento de uma época da vida de cada um, que, ao mesmo tempo, é um tempo coletivo. “Perder um museu é perder parte do que somos” (SANTOS, 2019). “Lamentável esta tragédia que fez parte da minha infância e aventuras no tempo de namoro. As lembranças são lindas e agradecemos a Deus pela invenção das fotos que eternizam a história” (LJP PRODUÇÕES E SERVIÇOS, 2018).

Um ponto importante nestes registros, sem dúvida, é a relação que os visitantes mantinham com a fotografia. Se na infância de muitos o registro fotográfico era raro e valorizado para ocasiões muito especiais, com a fotografia digital este quadro sofre mudanças, impactando diretamente na própria relação com o equipamento, o que pode ser constatado por funcionários do Museu Nacional.

Ao longo do período em que atuo na instituição, pude observar uma transição no modo dos visitantes interagirem com as exposições e com o Palácio. No início da década de 2000 não era tão comum que as pessoas fizessem fotos durante a visita, fato que, nos anos seguintes, foi se modificando, primeiro com o uso das câmeras digitais – e a possibilidade de produzir e visualizar as várias imagens que esses aparatos permitiam – e, em seguida, com o surgimento dos celulares com essa função. Mas, indiscutivelmente, a melhoria da qualidade das imagens produzidas por esses aparelhos, a popularização do acesso móvel à internet e o engajamento em SRS criaram uma mudança sem precedentes. (GUEDES, 2018, p. 3)

A proliferação de fotos e imagens pessoais nas redes sociais, logo após o incêndio, é um indicativo desta mudança de postura nas últimas décadas. Os internautas se manifestaram publicando as muitas fotografias que haviam feito em visitas regulares ao Museu.

Este quadro, além disso, aponta também para uma possibilidade de reconstrução do Museu Nacional por meio das memórias pessoais. Um museu reconstruído pela apropriação que a população fez dele. Não é a reconstrução física ou do acervo perdido, danificado ou transformado. É a releitura pela memória afetiva das vivências que cada um experimentou nas galerias, exposições e salas do Museu.

Considerações finais

Seguindo a classificação dos modelos de cultura de museu, proposta por MacCracken, o modelo transformador traz perspectivas individuais para a experimentação do equipamento museal que podem promover uma configuração diferente para a instituição. Mas quando ocorre uma brusca interrupção do seu funcionamento, como determinado por um incêndio fatal, emergem reminiscências deste lugar de memória. O museu deixa de ser somente um espaço de conservação, mas se transforma num espaço produtor de memórias, muitas das quais não se relacionam diretamente com sua função museológica.

Nas manifestações analisadas neste artigo, é possível identificar de que forma operações individuais de rememoração funcionam como se levantassem véus do passado, articulando lembranças de várias pessoas, numa teia da memória que lamenta o futuro.

Dois dias após a tragédia, a rádio CBN, assim como vários outros veículos de jornalismo, continuava repercutindo o fato.

Professor Mario Sergio Cortella lembra que o mundo lamenta o que foi perdido no incêndio e boa parte de nós nem podia supor que isso estava aqui entre nós. "É surpreendente que não fizéssemos filas diárias no Museu Nacional" [#NoArNaCBN](#) [#MuseuNacional](#) "Brasileiro descobriu agora que tínhamos um dos cinco maiores museus do mundo" (CBN, 2018)

Em parte, a fala de Cortella se explica pelo alvoroço que tomou as redes sociais e ocupou as manchetes de telejornais e sites jornalísticos durante dias, numa cobertura intensa que somente a contemporaneidade é capaz de permitir. Mas por outro lado, podemos defender que o incêndio operou como uma espécie de

“madeleine de Proust”, numa referência ao bolinho que o personagem Charles Swan come no livro “Em busca do tempo perdido”, e que o arrebatada do presente rumo às lembranças da infância e da juventude.

Pois foi ao ver as imagens do fogo lambendo paredes, livros raros, ossos de dinossauros, múmias egípcias e o crânio de Luzia, fóssil humano mais antigo das Américas, que muitos desenrolaram o fio da memória, resgatando as reminiscências de bons momentos passados no Museu Nacional, evidenciando a capacidade deste lugar de memória de não apenas preservar a história de um povo, mas de engendrar permanentemente novas memórias pessoais, que se misturam e impregnam as memórias coletivas.

O sofrimento que muitos externalizaram não foi somente pelo museu, por seu acervo, pelas pesquisas desenvolvidas na instituição. Trata-se aqui, acima de tudo, nestas manifestações, de sofrer pelas lembranças que foram construídas nele, e que não poderão mais ser acessadas pela experimentação sensorial. As reminiscências que este lugar de memória produziu só poderão ser acessadas, a partir de agora, pela memória.

Foi neste processo também que podemos identificar a concepção de Ricoeur de dever de memória. A tragédia do incêndio operou como um imperativo para a lembrança – seja porque as experiências individuais ali vividas, se não fossem relatadas, morreriam, seja porque o fogo, em si, trouxe novos aspectos para a discussão, sublinhando pontos como a conservação dos equipamentos culturais, os métodos e práticas de conservação, a questão da segurança dos acervos, e até mesmo a vinculação entre os lugares de memória e a identidade nacional. Relembrar, neste caso, se mostrou necessário para que o Museu Nacional, cenário de tantas memórias individuais, não seja esquecido na memória coletiva. Recordar para não esquecer.

Mas elas podem ser também o combustível para a reconfiguração de novas memórias. “Todo mundo sabe, né? Aquela emoção e dor nos momentos de tragédia pode ser revertido em potência criativa e lição histórica” (MAR DE ESTRELAS, 2019).

Referências

AO NOSSO REDOR. *Museu Nacional*. Rio de Janeiro, 7/2/2019. Instagram: ao_nosso_redor. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/Btmd5G7lwFq/>. Acesso em: 20 fev. 2019.

ARRUDA, Lídia Santos. *#LutoPelaMemóriaQueSeFoi*. Rio de Janeiro, 3/9/2018. Facebook: Lídia Santos Arruda. Disponível em:

<https://www.facebook.com/lidiasantos.arruda/posts/10211578057676606>. Acesso em: 13 out. 2018.

BENFEITORIA. Museu Nacional vive nas escolas. *Benfeitoria*. Disponível em: <https://benfeitoria.com/museunacional>. Acesso em: 1 mar 2019.

BOURDIEU, Pierre. *A distinção: crítica social do julgamento*. Porto Alegre: Zouk, 2011.

BRUNA. Belo Horizonte, 2/9/2018. *200 anos de história destruídos*. Twitter: @BrunaApell. Disponível em: <https://twitter.com/BrunaApell/status/1036414071107661824>. Acesso em 10 out. 2018.

BRUNA. Belo Horizonte, 2/9/2018. Tudo pó. Twitter: @BrunaApell. Disponível em: <https://twitter.com/BrunaApell/status/1036417440165638144>. Acesso em: 10 out. 2018.

CANDAU, Joel. *Mémoire et identité*. Paris: PUF, 1998

CANÔNICO, Marco Aurélio. Bicentenário, Museu Nacional, o mais antigo do país, tem problemas de manutenção. *Folha de S. Paulo*, 30/5/2018. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2018/05/bicentenario-museu-nacional-o-mais-antigo-do-pais-tem-problemas-de-manutencao.shtml>. Acesso em: 5 mar. 2019.

CBN. 'Brasileiro descobriu agora que tínhamos um dos cinco maiores museus do mundo'. Rio de Janeiro, 4/9/2018. Facebook: radiocbn. Disponível em: https://www.facebook.com/search/top/?q=%23museunacional%20cbn&epa=SEARCH_BOX. Acesso em: 7 out. 2018.

DAMASCENO, Isabelle. (isabelle_damasceno). *Museu Nacional*. Rio de Janeiro, 23/10/2018. Instagram: isabelle_damasceno. Disponível em: https://www.instagram.com/p/BpTD_5fji2g/. Acesso em 10 fev. 2019.

DELOITTE. *Global Mobile Consumer Survey 2018*. Disponível em: <https://www2.deloitte.com/content/dam/Deloitte/br/Documents/technology-media-telecommunications/Global-Mobile-Consumer-Survey-2018-Deloitte-Brasil.pdf>. Acesso em: 20 abr 2019.

DESVALLÉES, André e MAIRESSE, François (editores). *Conceitos-chave de Museologia*. São Paulo: Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus/Pinacoteca do Estado de São Paulo/Secretaria de Estado da Cultura, 2013.

FABIAN, Johannes. *Anthropology with an Attitude*. Critical Essays. Stanford: Stanford University Press, 2001.

FABIAN, Johannes. *Memory against culture: arguments and reminders*. Durham and London: Duke University Press, 2007.

FORTES, Lucas Prata. *Einstein no Museu Nacional*. Rio de Janeiro, 2/9/2018. Twitter: Caju. Disponível em <https://twitter.com/lpfortes/status/1036414244307300352>. Acesso em: 30 mar. 2019.

FOTOS DE FATOS. *Marie Curie no Museu Nacional*. Rio de Janeiro, 4/9/2018. Twitter: Fotos_de-Fatos. Disponível em: <https://twitter.com/FotosDeFatos/status/1037098614122852352>. Acesso em: 30 mar. 2019.

GOUVEIA, Bruno. *Neste momento em que assisto pela TV o incêndio do Museu Nacional*. Rio de Janeiro, 3/9/2018. Facebook: brunogouveiaoficial. Disponível em: <https://www.facebook.com/BrunoGouveiaOficial/posts/2316361875048472>. Acesso em: 15 out. 2018.

GUEDES, Fernanda Cristina. Cardoso. O Museu Nacional e as diversas memórias construídas pelos visitantes através das fotografias. São Paulo: *Anais do Comunicon*, 2018.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2013

HELENÃO. *Yoga na sala da baleia*. Pepperland, 17/2/2019. Twitter: @helenotherium. Disponível em: <https://twitter.com/helenotherium/status/1096962322059280384>. Acesso em: 7 abr. 2019.

- HUYSSSEN, Andreas. *Culturas do passado-presente*. Modernismos, artes visuais, políticas da memória. Rio de Janeiro: Contraponto/Museu de Arte Moderna, 2014.
- HUYSSSEN, Andreas. Medios y memoria en FELD, Claudia.; STITES MOR, Jessica (org.). *El pasado que miramos*. Editorial Paidós, Buenos Aires, 2009.
- HUYSSSEN, Andreas. Mídia e discursos da memória. Entrevista de Moreira, Sonia Virgínia e Moreno, Carlos A. de Carvalho Moreno. *Revista Brasileira de Ciências da Comunicação*, v.27, n. 1. p.97-104, 2004. Disponível em: <<http://portcom.intercom.org.br/revistas/index.php/revistaintercom/article/view/1060>>. Acesso em: 15 Abr 2019.
- HUYSSSEN, Andreas. *Seduzidos pela Memória*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.
- LJP PRODUÇÕES. *Luto pelo Museu Nacional*. Rio de Janeiro, 3/9/2018. Facebook: [ljproducoeservices](https://www.facebook.com/pg/ljproducoeservices). Disponível em: https://www.facebook.com/pg/ljproducoeservices/posts/?ref=page_internal. Acesso em: 14 out. 2018.
- MAR DE ESTRELAS. Todo mundo sabe. Vitória da Conquista. 20/2/2019. Twitter: @MarisSchiavo. Disponível em: <https://twitter.com/MarisSchiavo/status/1098254580524216321>. Acesso em: 20 fev. 2019.
- MCCRACKEN, Grant. CULTURE and culture at the Royal Ontario Museum: Anthropology Meets Marketing, Part 1. *Curator: The Museum Journal*, v. 46, n.2. p. 136-157, 2003.
- MCCRACKEN, Grant. CULTURE and culture at the Royal Ontario Museum: Anthropology Meets Marketing, Part 2. *Curator: The Museum Journal*, v. 46, n. 4, p. 421-432, 2003.
- MUSEU NACIONAL. *200 anos do Museu Nacional*. Disponível em: http://www.museunacional.ufrj.br/200_anos/index.html. Acesso em: 10 abr. 2019.
- NITAHARA, Akemi. Incêndio no Museu Nacional começou em ar-condicionado do auditório. *Agência Brasil*, 4/4/2019. Disponível em: <http://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2019-04/incendio-no-museu-nacional-comecou-em-ar-condicionado-do-auditorio>. Acesso em 20 abr. 2019.
- NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. Trad. Yara Khoury. *Projeto História*, São Paulo: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC/SP, n.10, p.7-28, dez. 1993.
- PACÍFICO, Matheus. Rio de Janeiro, 2/9/2018. *Gente, tô bem triste!* Twitter: @OIMathy. Disponível em: <https://twitter.com/OiMathy/status/1036402249294077952>. Acesso em: 5 mar. 2019.
- PIRES, Débora de Oliveira. (org.) *200 anos do Museu Nacional*. Rio de Janeiro: Associação Amigos do Museu Nacional, 2017.
- RAFAEL, Josely. Destruir história. Rio de Janeiro, 3/9/2018. Twitter: @josileyrafael. Disponível em: <https://twitter.com/josileyrafael/status/1036557097448742913>. Acesso em: 19 out. 2018.
- RANIERI, Eliza. "#MuseuNacionalVive". 3/9/2018. Facebook: eliza.cunha15. Disponível em: <https://www.facebook.com/eliza.cunha15/posts/10209682576820383>. Acesso em: 4 set. 2018.
- RAO, #MuseuNacional. Rio de Janeiro 2/9/2018. Twitter: @RaonyPhillips. Disponível em: <https://twitter.com/RaonyPhillips/status/1036438752934223872>. Acesso em: 22 out. 2018.
- RICOEUR, Paul. *A Memória, a história, o esquecimento*. Campinas: Unicamp, 2007.
- ROSSI, Rafael. Força para vocês. 7/9/2018. Facebook: rafael.rossi.92505. Disponível em: <https://bit.ly/2YRlpSd>. Acesso em: 10 set. 2018.
- SANTANA, Danilo. *Último presidente a visitar Museu Nacional*. Maceió, 3/9/2018. Twitter: @danilostxd. Disponível em: <https://twitter.com/danilostxd/status/1036764389540618240>. Acesso em: 10 abr. 2019.

SANTOS, Ana Paula. *Mais uma cobertura difícil*. Rio de Janeiro, 3/9/2018. Twitter: @donapaulasantos. Disponível em: <https://twitter.com/donapaulasantos/status/1036565693083332608>. Acesso em: 10 out. 2018.

SARAIVA, Marina. *“Incêndio no Museu Nacional”*. Facebook: saraivamarina. 3/9/2018. Disponível em: <https://www.facebook.com/saraivamarina/posts/1480682028698664>. Acesso em: 4 de setembro de 2018.

SCHWAB, Cintia. *Museu Nacional Memorial Salvador*, 3/9/2018. Instagram: cintiaschwab. Disponível em: https://www.instagram.com/p/BnQ8tH8Azcv/?utm_source=ig_web_copy_link. Acesso em: 9 out. 2018.

YIN, Robert. *Pesquisa Qualitativa do Início ao Fim*. Penso: São Paulo, 2016

WILLIAMS, Raymond. *Cultura e materialidades*. Petrópolis: Vozes, 2011.

Data de recebimento: 24.05.2019

Data de aceite: 17.08.2019